



V Jornada Brasileira de Sociologia

Desafios, dilemas e oportunidades nas sociedades democráticas

Novembro, 2017, Pelotas/RS

GT 01 – Identidades, diferenças e desigualdades em debate.

**Discurso de Michel Temer em 08/03/2017 como violência de gênero subjacente à
Ética do Cuidado**



DISCURSO DE MICHEL TEMER EM 08/03/2017 COMO VIOLÊNCIA DE GÊNERO SUBJACENTE À ÉTICA DO CUIDADO

Rita de Araujo Neves¹

Luciano Pereira dos Santos²

Resumo: Neste estudo, propomos uma abordagem qualitativa que utiliza a perspectiva dos Estudos Culturais (EC) e do feminismo problematizando discursos e imagens divulgados nas mídias sociais quando das comemorações do dia internacional da mulher, no último dia 08 de março de 2017, especialmente o conteúdo da fala manifestada por Michel Temer. Como aporte teórico desta pesquisa adotamos Gilligan (1982) para o referencial relativo à ética do cuidado na perspectiva feminista, Hall (1997), quanto às concepções dos EC, notadamente no que toca à representação da mulher e Saffioti (2001) em relação à violência de gênero. A partir da ética do cuidado compreendemos como o discurso machista se apropria dessa lógica para impor e limitar às mulheres, mesmo em pleno século XXI, ao lugar de “belas, recatadas e do lar”, na condição de meras cuidadoras dos homens. Metodologicamente, a partir da etnografia digital mapeamos algumas publicações nas mídias sociais a fim de atender aos interesses e limites desta pesquisa. Por fim, concluímos que há violência de gênero nos discursos machistas que se apropriam da ética do cuidado, histórica e socialmente imposta às mulheres para submetê-las à condição de subalternidade.

Palavras-chave: Violência de Gênero; Discurso; Ética do Cuidado; Feminismo; Estudos Culturais.

¹ Bacharel em Direito, Mestra em Educação e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FaE) na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) além de Profa. Adjunta da Faculdade de Direito (FADIR) da Universidade Federal do Rio Grande-FURG (profarita@yahoo.com.br).

² Sociólogo e Cientista Político, Mestre e Doutorando em Educação do PPGE/FaE/UFPEL – Grupo de Pesquisa Processo de Trabalho Docente, D’GENERUS do Núcleo de Estudos Feministas e de Gênero da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL/RS-Brasil (lucianopereiraluciano@gmail.com).

Introdução

Trata-se de ensaio teórico a partir das autoras Carol Gilligan (1982; s.d.) e Heleieth Saffioti (2015; 2001), somadas a outras/os teóricas/os, cujo objetivo é compreender os principais conceitos tratados pelas autoras de referência ensejando trazer contribuições às nossas pesquisas em desenvolvimento na busca de alternativas para pensarmos estratégias de resistência à violência de gênero.

Visamos, especialmente, neste texto, apresentar e discutir o conceito de *ética do cuidado* constante da obra “*Uma voz Diferente: Psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*”, de Carol Gilligan (1982; s.d.), evidenciando a violência de gênero praticada no discurso machista de Michel Temer, manifestado em 08 de março de 2017, no qual há um reconhecimento desta ética como atributo exclusivo das mulheres.

O que nos provocou à escrita deste ensaio textual, a partir da leitura e reflexão crítica da obra antes mencionada, foi o conteúdo desse discurso em alusão às comemorações pelo dia internacional da mulher, no qual seu autor associa, deliberadamente, a *ética do cuidado* como um predicado exclusivo feminino e, assim o fazendo, firma, de forma categórica, o marco de violência de gênero estabelecido pelo patriarcado e que reduz as mulheres a papéis específicos no contexto histórico, social e cultural, bem como as vincula a padrões comportamentais biologicamente estabelecidos.

Metodologicamente, como já referimos, trata-se de um estudo teórico de caráter qualitativo, descritivo e realizador de análise indutiva dos dados, pelo método hermenêutico, através da pesquisa bibliográfica do referencial teórico eleito para sustentá-lo.

Visando a atender a demanda deste estudo, analisamos uma amostra intencional (GIL, 2008), através da Etnografia Digital (DOMÍNGUEZ , 2007), acessando ao texto do discurso de Michel Temer no *ciberespaço*, sítio do Palácio do Planalto, porque relevante para a discussão que propomos.

Discussão Teórica

Preliminarmente, cabe dizer que neste artigo deixamos de abordar os estudos sobre representação de Stuart Hall (1997a; 1997b), nosso principal referencial no campo teórico dos Estudos Culturais (EC), os quais adotaremos numa fase subsequente desta pesquisa, a fim de analisar as imagens divulgadas no *ciberespaço*, por ocasião da publicação das notícias acerca do discurso de Michel Temer, visando a compreender a

representação de mulher “*bela, recatada e do lar*”³, como aquela detentora exclusiva da ética do cuidado.

Adiante, na intenção de apresentar sucintamente o aporte teórico efetivamente adotado neste texto e atendendo aos objetivos que propomos, reconhecemos que as reflexões provocadas pela obra antes referida, entre outras, deram-se em torno da *ética do cuidado*, assim entendida por Gilligan (1982; s.d.) como uma *voz diferente* atribuída, no modelo patriarcal, com exclusividade às mulheres.

Para essa autora, porém, a *ética do cuidado* como uma orientação moral não é um modelo de ética feminina, mas feminista, pois ela reconhece nas mulheres a existência dessa *voz diferente* daquela moralidade até então padronizada pelos teóricos como humana, mas que historicamente apenas considerou o desenvolvimento moral dos homens.

De acordo com ela, o comportamento masculino sempre foi compreendido como a norma, o padrão, em contrapartida ao comportamento feminino que sempre foi o desviante. “Assim, quando as mulheres não se ajustam aos padrões da expectativa psicológica, as conclusões têm sido, em geral, que alguma coisa está errada com as mulheres” (GILLIGAN, s.d., p. 24).

Logo, essa pesquisadora vai definir a categoria teórica da *ética do cuidado*, exatamente quando passa a considerar em seu estudo pioneiro o desenvolvimento moral nas mulheres e evidencia que há outro modo de pensar os problemas morais humanos, mas que até então fora excluído dos estudos sobre o desenvolvimento moral e das teorias éticas. Segundo ela:

A voz diferente que eu defino caracteriza-se não pelo gênero, mas pelo tema. Sua associação com as mulheres é uma observação empírica, e é sobretudo através das vozes das mulheres que eu traço o seu desenvolvimento. Mas essa associação não é absoluta, e os contrastes entre as vozes femininas e masculinas são apresentados aqui para aclarar uma distinção entre dois modos de pensar e focalizar um problema de interpretação mais do que representar uma generalização sobre ambos os sexos. Ao traçar o desenvolvimento, indico a interação dessas vozes dentro de cada sexo e sugiro que a sua convergência assinala épocas de crise e mudança (GILLIGAN, s.d., p. 12).

Todavia, no seu entendimento, essa *voz diferente* e feminina relacionada à *ética do cuidado* só é, de fato, diferente quando produzida em meio a um modelo patriarcal de

³ Referência à expressão usada pela matéria de capa da revista Veja, edição de 18 de abril de 2016, referindo-se a então pretensa primeira dama, Marcela Temer, considerada ideário de mulher e do feminino como esposa dedicada e submissa, além de devotada às atividades domésticas no âmbito privado. A exemplo, destacamos a aludida matéria veiculada na revista Veja. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> Acesso em 21 de abril de 2016.

sociedade, que é o nosso, pois numa sociedade não patriarcal essa *ética do cuidado* seria tão-somente uma ética humana, estabelecida a partir de sentimentos morais e da habilidade humana para cuidar de forma responsável dos outros, considerando que o cuidado poderá ser desenvolvido por todos os sujeitos morais, independentemente dos seus gêneros (GILLIGAN, s.d., grifos nossos).

A estudiosa ressalta que a preocupação das mulheres com os outros é sempre associada à fraqueza e que o lugar das mulheres é proteger a forma como os homens e as próprias mulheres se constroem perante a sociedade, estabelecendo essa moral, esse parâmetro, criando a moralidade dos direitos e relacionamentos. Nesse sentido:

[...] as mulheres não apenas se definem num contexto de relacionamento humano, mas também se julgam em termos da sua capacidade de cuidar. O lugar das mulheres na vida dos homens tem sido aquele de alimentadora, cuidadora, e companheira, a tecelã daquelas redes de relacionamentos nas quais ela por sua vez confia. Mas enquanto as mulheres têm assim cuidado dos homens, os homens têm, em suas teorias do desenvolvimento psicológico, assim como nos seus arranjos econômicos, tendido a presumir ou desvalorizar aquele cuidado (GILLIGAN, s.d., p. 27).

Entendemos que a estudiosa desenhou em seu texto, a partir dos resultados das análises da pesquisa por ela desenvolvida, a imagem de que a mulher nunca se vê como o sujeito central da sua própria vida. Dessa forma, em seu estudo, a pesquisadora categoriza os pensamentos e as formas de construção do pensamento moral das mulheres através da lógica das próprias mulheres.

Segundo ela, a sociedade apregoa que as mulheres têm direito à escolha, mas o exercício desta escolha é julgado e malhado por padrões machistas socialmente construídos, que impõem à mulher o lugar de sujeito egoísta e mau quando ela se coloca em primeiro plano nas suas decisões: “na medida em que as mulheres se veem como não tendo opção alguma, elas correspondentemente se escusam da responsabilidade que a decisão acarreta” (GILLIGAN, s.d., p. 78).

Assim, a estudiosa escolheu propositadamente o dilema da decisão feminina sobre o aborto, fenômeno que atinge de forma exclusiva e direta às mulheres, para investigar e compreender como as mulheres resolvem esse dilema moral.

Metodologicamente, ela adota a passagem temporal para entrevistar as mulheres submetidas ao aborto, a fim de comparar suas respostas, usando as mesmas perguntas e percebendo que há um marco nos seus achados: a crise moral dessas mulheres se estabelece na mesma época em que nasceriam seus bebês, acaso não houvesse o aborto.

O evento aborto foi apenas o marco ou exemplo que a estudiosa adotou para estudar o modo de as mulheres resolverem seus dilemas morais. Poderia ela ter usado outro fato

como, por exemplo, o trabalho doméstico, ainda atribuído e/ou entendido como uma responsabilidade quase de exclusividade feminina.

Uma das conclusões da pesquisadora, a partir de sua investigação, é o fato de que pela ética da responsabilidade as mulheres não se sentem, de fato, titulares dos direitos pelos quais tanto lutaram, a exemplo do aborto. Para ela, a dificuldade das mulheres está em compreender que liberdade individual não é sinônimo de egoísmo, nem tampouco incompatível com moralidade. Porém, essa anulação do eu nas mulheres é treinada e ensinada pela escola, onde elas aprendem a prática do auto sacrifício (GILLIGAN, s.d.). Assim, a autora defende que é preciso que as mulheres reforcem o cuidado de si para dissociar esse pensamento da lógica egoísta e questiona se às mulheres seria possível responsabilizarem-se por si mesmas e pelos outros, simultaneamente. Ela mesma responde à indagação afirmando que sim, desde que isso seja feito através da verdade-honestidade. De forma que se desenvolva uma moralidade baseada nas intenções e consequências, sendo as mulheres honestas consigo mesmas.

Para ela, há a responsabilidade do cuidado consigo e com o outro e quando essa ideia se desenvolve nos indivíduos, independentemente do gênero, esses atingem a maturidade. Todavia, a concepção moral feminina, manifestada pelas mulheres ao resolverem seus dilemas morais privilegiando a *ética do cuidado*, ainda é diferente da concepção masculina.

Por essa razão, os homens são afetivamente pobres, pois não cabe a eles serem amigos das mulheres, nem terem cuidado com essas ou com os outros homens, pois diante de outros homens passariam a ser vistos como fracos, não viris e/ou homossexuais, tendo em vista, por exemplo, a não manutenção de relação sexual com aquela mulher com quem mantém laços de amizade (GILLIGAN, s.d.).

Para a autora, a experiência das mulheres é muito importante a fim de que possamos compreender o desenvolvimento humano e a vida adulta, pois o desenvolvimento das mulheres garante uma vida social menos violenta e caracterizada pelas inter-relações e pelo cuidado (GILLIGAN, s.d.).

Por fim, ela questiona qual seria a perspectiva social futura se passássemos a considerar o processo de desenvolvimento das mulheres e suas experiências no processo de desenvolvimento humano e defende que é preciso existir uma outra ética de justiça e que considere as diferenças entre homens e mulheres.

Embora as questões complexas e categorias teóricas que Gilligan (1982; s.d.) apresenta em seu texto, notadamente a da *ética do cuidado*, acreditamos que essa pesquisadora

nos faz pensar que por mais que as vozes femininas ainda sejam *vozes diferentes* e destoantes na nossa sociedade patriarcal e, conseqüentemente, nos nossos espaços educacionais, essas mesmas vozes representam resistência à violência de gênero sofrida pelas mulheres nos mais diversos contextos e foi justamente isso que nos desafiou à escrita do presente – avaliando a violência impetrada às mulheres pelo homem de maior grau político brasileiro, como abordaremos a seguir.

Do Discurso Machista de Michel Temer no dia 08 de março de 2017

A fim de introduzir a análise dos trechos do discurso⁴ manifestado no dia 08 de março de 2017 por Michel Temer, Presidente da República Federativa do Brasil, compreendemos necessária uma breve abordagem, embora a complexidade que envolve esse termo, do que entendemos e assumimos como patriarcado nesta escrita.

Partimos da teorização de Pateman (1993, p. 15), segundo quem:

[...] hoje, invariavelmente, apenas metade da história é contada. Ouvimos muito sobre o contrato social, mas se mantém um silêncio profundo sobre o contrato *sexual*.

O contrato original é um pacto sexual-social, mas a história do contrato sexual tem sido sufocada. As versões tradicionais da teoria do contrato social não examinam toda a história e os teóricos contemporâneos do contrato não dão nenhuma indicação de que metade do acordo está faltando. A história do contrato sexual também trata da gênese do direito político e explica por que o exercício deste direito é legitimado; porém, essa história trata do direito político enquanto *direito patriarcal* ou instância do sexual – o poder que os homens exercem sobre as mulheres. A metade perdida da história conta como uma forma caracteristicamente moderna de patriarcado se estabelece. A nova sociedade civil criada através do contrato original é uma sociedade patriarcal.

Portanto, a partir desses pressupostos é que passamos a considerar que nossa sociedade atual ainda adota o modelo do patriarcado, segundo o qual as mulheres continuam sendo subjugadas aos homens nas mais distintas relações sociais estabelecidas entre os dois gêneros, masculino e feminino, seja essa relação de natureza sexual ou não, a exemplo das relações no mercado de trabalho.

Nessa mesma linha de ideias, Saffioti vai afirmar que:

[...] Pateman mostra o caráter masculino do contrato original, ou seja, é um contrato entre homens, cujo objeto são as mulheres. A diferença sexual é convertida em diferença política, passando a se exprimir ou em liberdade ou em sujeição. Sendo o patriarcado uma forma de expressão do poder político, esta abordagem vai ao encontro da máxima legada pelo feminismo radical: “o pessoal é político”. Entre outras alegações, a polissemia do conceito de patriarcado, aliás, existente ainda com mais força no de gênero, constitui um argumento contra seu uso (SAFFIOTI, 2015, p.57).

⁴ Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-planalto/discursos/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-comemoracao-pelo-dia-internacional-da-mulher-brasilia-df>> Acesso em: 16/08/2017.

Somado a todos esses aspectos teóricos que destacamos anteriormente e até aqui, adotamos, também, os ensinamentos dessa mesma autora, Saffioti (2001), no tangente à sua compreensão sobre violência de gênero como aquela impetrada pelo patriarcado a todas as categorias a ele subjugadas e para quem:

[...] é o conceito mais amplo, abrangendo vítimas como mulheres, crianças e adolescentes de ambos os sexos. No exercício da função patriarcal, os homens detêm o poder de determinar a conduta das categorias sociais nomeadas, recebendo autorização ou, pelo menos, tolerância da sociedade para punir o que se lhes apresenta como desvio. Ainda que não haja nenhuma tentativa, por parte das vítimas potenciais, de trilhar caminhos diversos do prescrito pelas normas sociais, a execução do projeto de dominação-exploração da categoria social **homens** exige que sua capacidade de mando seja auxiliada pela violência (SAFFIOTI, 2001, p.115).

Assim, a partir dessa concepção teórica foi que nos pareceu evidenciada a violência de gênero, naquele discurso, ora discutido, o qual ironicamente foi feito em alusão à comemoração do dia internacional da mulher.

Nesse diapasão e com a finalidade de atender à demanda deste texto, recortamos alguns trechos do citado discurso, nos quais seu autor fez uso da *ética do cuidado* como forma de violência de gênero às mulheres. Vejamos:

[...] digo isso com a maior tranquilidade, porque eu tenho absoluta convicção, até por formação familiar e por estar ao lado da Marcela, **o quanto a mulher faz pela casa, o quanto faz pelo lar, o que faz pelos filhos.** [...] se a sociedade de alguma maneira vai bem, quando os filhos crescem, é porque tiveram uma adequada educação e formação em suas casas. E **seguramente isso quem faz não é o homem, isso quem faz é a mulher.** E hoje, como as mulheres participam em intensidade de todos os debates, eu vou até tomar a liberdade de dizer que **na economia também, a mulher tem uma grande participação. Ninguém mais é capaz de indicar os desajustes, por exemplo, de preços em supermercados do que a mulher.** Ninguém é capaz de melhor detectar as eventuais flutuações econômicas do que a mulher, pelo orçamento doméstico maior ou menor. [...] E significa também que a mulher, além de cuidar dos afazeres domésticos, vai vendo um campo cada vez mais largo para o emprego. Porque **hoje homens e mulheres são igualmente empregados. Com algumas restrições ainda. Mas a gente vê em muitas reportagens, das mais variadas, como a mulher hoje ocupa um espaço executivo de grande relevância** [Grifos nossos].

No primeiro trecho destacado, quando o Sr. Presidente da república afirma saber “o quanto a mulher faz pela casa, o quanto faz pelo lar, o que faz pelos filhos”, embora pudesse ter querido fazer parecer na sua fala um tom de admiração às mulheres, no nosso entendimento, resta evidenciado que este não só está ciente desse fato, do quanto as mulheres fazem pelas atividades domésticas e relativas aos cuidados com os filhos, como, especialmente, que ele sabe que os homens, pelo contrário e em sua maioria, não agem dessa mesma forma, pois, grande parte das vezes, muito pouco assumem essas tarefas domésticas e restritas ao âmbito privado e do lar.

Corroborando essa percepção, está o segundo trecho de seu discurso que gizamos, momento em que ele assevera, categoricamente, que “se a sociedade de alguma maneira vai bem, quando os filhos crescem, é porque tiveram uma adequada educação e formação em suas casas. E seguramente isso quem faz não é o homem, isso quem faz é a mulher”.

Portanto, não resta dúvida de que este senhor acredita ser responsabilidade exclusiva das mulheres àquela relacionada não só aos afazeres domésticos, do lar, no âmbito privado, como, especialmente, o cuidado e a educação dos filhos, estando, no seu entendimento, os homens isentos dessas mesmas responsabilidades.

Ainda, no terceiro trecho destacado, o orador afirma que “na economia também, a mulher tem uma grande participação. Ninguém mais é capaz de indicar os desajustes, por exemplo, de preços em supermercados do que a mulher. Ninguém é capaz de melhor detectar as eventuais flutuações econômicas do que a mulher, pelo orçamento doméstico maior ou menor” o que segue a mesma lógica dos dois trechos anteriores e, agora, embora tente transparecer que as mulheres teriam participação no âmbito público, na economia, se contradiz quando restringe essa participação feminina ao âmbito da economia doméstica, resumindo o papel das mulheres ao de “fiscalas” de preços em supermercados.

Por fim, no último trecho apontado, ele diz que “hoje homens e mulheres são igualmente empregados. Com algumas restrições ainda. Mas a gente vê em muitas reportagens, das mais variadas, como a mulher hoje ocupa um espaço executivo de grande relevância”. Nesse ponto, a nosso ver, parece estar a mais grave e maior das incongruências na sua fala, tendo em vista que ele ignorou, com essa afirmação, dados de estudo recente e anterior ao seu discurso, divulgados no dia 06 de março de 2017, portanto apenas dois dias antes da sua fala, pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Tal pesquisa apresentou resultado de estudo nominado “Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça”⁵, ilustrando a acintosa desigualdade no Brasil entre mulheres e homens no acesso ao emprego. Não fosse isso por si só um aspecto vexatório em sua fala, o Sr. Presidente ainda achou por bem dizer que essa sua afirmação tinha como fonte “muitas reportagens, das mais variadas”, deixando

5

Disponível

em:

<http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526> Acesso no dia: 04/09/2017.

transparecer a irresponsabilidade de seu discurso baseado apenas em senso comum e destoante de dados de pesquisa de acesso público.

No mesmo sentido, também foram uma série de matérias jornalísticas e reportagens divulgadas on-line⁶ e que criticaram o conteúdo de seu infeliz discurso, o qual naturalizou como atividade da mulher o trabalho doméstico, desconsiderando que esse fato, segundo a pesquisa do IPEA antes referida, fez com que no ano de 2015 as mulheres tivessem uma jornada total média semanal de trabalho de 53,6 horas, enquanto a dos homens era de 46,1 horas, portanto, fazendo com que elas trabalhassem, por semana, 7,5 horas a mais que os homens, o que as prejudica e impede avanços nas carreiras, pois competem no mercado de trabalho em desigualdade de condições aos homens. Essa desigualdade na divisão do trabalho doméstico – executado por 88% das mulheres, mas apenas por 46% dos homens – prejudica e/ou impede a ascensão profissional feminina e restringe o papel do homem nos cuidados e nas atividades domésticas, o que corresponde a mais uma forma de violência de gênero contra as mulheres.

Diante do todo exposto, vimo-nos, por meio deste artigo, motivados a denunciar esse discurso infame, retrógrado e abusivo às mulheres – para que esse tipo de manifestação não mais ocorra.

Considerações Finais

Por se tratar de estudo de revisão teórica acerca de conceitos relevantes às pesquisas desenvolvidas pelos autores, não existem, até o momento, conclusões que possam ser apontadas definitivamente.

Todavia, a partir dos excertos do discurso que destacamos e grifamos anteriormente, entendemos que restou evidenciado o uso e/ou identificação da *ética do cuidado* apenas às mulheres na intenção de lhes definir papéis e espaços determinados na sociedade, em especial aqueles relativos ao âmbito privado, o que caracteriza violência de gênero.

O autor do discurso, não por acaso um homem, branco, sedizente heterossexual e católico e que naquele momento da fala exercia a função – embora a entendamos ilegítima – de Presidente da República, manifestou sua compreensão machista de que as mulheres são indivíduos inferiores aos homens e, assim, devem se ater aos cuidados da

⁶ Apenas exemplificando, destacamos: <http://www.huffpostbrasil.com/2017/03/08/os-equivocos-sobre-o-papel-da-mulher-no-discurso-de-michel-temer_a_21876568/> Acesso no dia 09/03/2017

casa, dos filhos e demais afazeres domésticos, restando limitadas por ele, em seu discurso, a este papel.

Essa atitude, nesse discurso proferido pelo “homem médio” e que tem lugar de fala privilegiado no modelo patriarcal, além de configurar violência de gênero exatamente por reduzir as capacidades das mulheres ao âmbito doméstico e submetê-las ao papel de “*belas, recatadas e do lar*”⁷, quando, por exemplo, atribui apenas a elas a responsabilidade pela criação e boa educação dos filhos, também produz, divulga, reforça e favorece a perpetuação dessa lógica perversa, pois quem profere o discurso é um homem em posição de poder e privilégio. Não sendo esse, portanto, um discurso inocente.

Derradeiramente, reforçando o que já dissemos em momento anterior, lembramos que nossa intenção é desenvolver esta pesquisa, a fim de analisar não só o texto do discurso problematizado neste artigo como também as imagens divulgadas no *ciberespaço*, por ocasião da publicação das notícias acerca do discurso de Michel Temer, visando a compreender, a partir do referencial teórico de Stuart Hall (1997a; 1997b) a representação de mulher “*bela, recatada e do lar*”⁸, como aquela detentora exclusiva da ética do cuidado.

⁷ Vide nota 3.

⁸ Vide nota 3.

REFERÊNCIAS

DOMÍNGUEZ, Daniel *et al.* *Etnografia virtual*. Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research, 8 (3), 2007. Disponível em: <<http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0114-fqs0703E19>> Acesso em 23 out. 2016.

GIL, Antonio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILLIGAN, Carol. *In a different voice*. Harvard, HUP, 1982.

_____. *Uma voz diferente; psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, s.d., 190p.

HALL, Stuart. The work of representation. In: _____. (Org.). *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Thousand Oaks; New Delhi: Sage/Open University, p. 2-73, 1997a.

_____. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, v. 22, nº 2, p.15-46, jul./dez, 1997b.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Tradução: Marta Avancini, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. The sexual Contract, primeira edição: Polity Press e Blackwell Publishers, 1988. Disponível em: <<https://aprender.ead.unb.br/mod/resource/view.php?id=1255>> Acesso em: 05 set. 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

_____. *Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero*. Cadernos Pagu, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2001, n.16, p.115-136, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2016.

Sites de internet:

HUFFPOST. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2017/03/08/os-equivocos-sobre-o-papel-da-mulher-no-discurso-de-michel-temer_a_21876568/> Acesso em: 09 mar. 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526> Acesso em: 04 set. 2017.

PALÁCIO DO PLANALTO. Disponível em: <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-planalto/discursos/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-comemoracao-pelo-dia-internacional-da-mulher-brasilia-df>> Acesso em: 16 ago. 2017.

REVISTA VEJA. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>> Acesso em: 21 abr. 2016.